



**Imagem física e qualidade mental:
a fotografia vista pela semiótica**

Jorge Barros Pires
Miguel Luiz Contani

Imagem física e qualidade mental: a fotografia vista pela semiótica

Physical image and mental quality:
photography as viewed by semiotics

Jorge Barros Pires*
Miguel Luiz Contani**

Resumo: O caráter da imagem fotográfica é aqui discutido, tendo em conta os modos pelos quais ela representa aspectos da realidade no interior dos fundamentos fenomenológicos que sustentam a noção de signo. Busca-se a construção de um corpo teórico-metodológico que permita realizar procedimentos de análise e aprofundar a percepção a respeito da influência cognitiva da imagem fotográfica. As fotografias analisadas neste trabalho são provenientes de imagens cedidas pelo Projeto Cognitus – Petrobrás.

Palavras-chave: signo; cognição; imagem fotográfica; semiótica.

Abstract: The nature of the photographic image is discussed here, by considering the ways in which it represents aspects of reality within the phenomenological fundamentals of the notion of sign. The purpose is to help build theoretical and methodological tools for analyses and improvement of perception on the cognitive influence of the photographic image. The pictures analyzed in this study have been supplied by Projeto Cognitus – Petrobrás.

Key words: sign; cognition; photographic image; semiotics.

*Mestre em Filosofia pela UNESP de Marília (SP). Pesquisador do projeto Cognitus/Petrobrás.

**Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Docente do Curso de Especialização em Fotografia da Universidade Estadual de Londrina.

Introdução

O estudo da semiótica da fotografia é uma área do conhecimento que está diretamente relacionada aos estudos da semiótica da imagem. Ao seguir essa rota teórica, a semiótica da fotografia discorre a respeito do caráter sígnico da imagem, sua função cognitiva, seu contexto lingüístico, sua relação com a percepção, seu caráter convencional, entre outros temas. A pesquisa semiótica a respeito da fotografia está presente em quatro correntes teóricas predominantes: nas formulações de Peirce, Greimas, Hjelmslev e Barthes. (SANTAELLA; NÖTH, 2001).

O Curso de Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico, do CECA – Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina, tem como uma de suas linhas de pesquisa as *Linguagens e poéticas fotográficas*, em que se busca investigar a fotografia como manifestação de linguagem, analisar sua inserção com outras manifestações discursivas e estabelecer a relação entre poética fotográfica e informação. Estudam-se também no âmbito dessa linha as manifestações fotográficas como recurso para a educação estética e avalia-se a imagem como instrumento regulador da aprendizagem e da descoberta.

É com esta última dimensão, em sua característica cognitiva, que esta análise irá ocupar-se. Para tanto, adota-se o referencial da Semiótica Geral de Charles S. Peirce, e essa escolha não significa deixar de reconhecer o valor das outras abordagens sobre fotografia: todas têm contribuído significativamente para o estudo dos signos fotográficos. Na realidade, por efetuarem aproximações com diferentes procedimentos, qualquer discussão mista exigiria muito maior espaço e produziria o risco de desvio nos objetivos. Assim, passam-se, nesse momento, a discutir alguns pontos do pensamento de Peirce, a fim de analisar as perspectivas de uma semiótica da fotografia sustentada pela base teórica desse autor.

A fotografia segundo as três categorias fenomenológicas

Antes de abordar a função sógnica da fotografia e o modo pelo qual esta representa aspectos da realidade, é importante rever os fundamentos fenomenológicos que apóiam a noção de signo.

Em carta endereçada a Lady Welby (12/10/1904), Peirce, antes de tratar de sua classificação dos signos, expõe as três categorias universais presentes em todo e qualquer fenômeno, são elas: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. (CP 8.328)¹. Por Primeiridade, entende-se aquilo que é o que é, sem referência a nada mais. Secundidade é aquilo que é em relação a um outro, mas não se referindo a um terceiro. E Terceiridade é aquilo que mantém uma relação triádica, ou seja, coloca-se em relação mútua tanto a um segundo quanto a um terceiro. (CP 8.328)².

Peirce entendia que: “A impressão total não analisada provocada por qualquer multiplicidade não vista como fato objetivo, mas sim como uma qualidade, mera possibilidade positiva de surgimento, é uma Primeiridade.” (CP 8.329). A Primeiridade é uma categoria que se define pelas qualidades de sentimento. Uma consciência que está presente em um ponto do tempo, sem partes ou referência a qualquer análise ou comparação, onde pensamento algum pode se inserir e nada pode ser isolado. (CP 1.306 e 8.329).

Imagine-se a fotografia a seguir (figura 1), observação pura, em estado contemplativo. Imaginem-se agora as infinitudes de formas, cores e texturas que emergem com o frescor da novidade. Agora observe-se essa multidão de qualidades tal como surge aos olhos do artista. O que se verá é a liberdade brotando, uma consciência imediata, espontânea e de caráter incondicionado. Assim se apresenta a Primeiridade.

¹As referências aos textos de Charles S. Peirce serão feitas no modo como estão contidas nos *Collected Papers*: pelas iniciais CP, seguidas do número do volume e do parágrafo.

²As categorias se mostram irredutíveis umas às outras. As demonstrações desta irredutibilidade podem ser encontradas em: CP 5.82-92 e 7.537.



Figura 1 - Pôr-do-sol no rio Solimões³

A Secundidade é a categoria que tem, no seu modo de ser, o fato atual, objetivo. Está vinculada às relações que mantém dentro do universo da experiência, sendo estas relações fato bruto. Uma experiência privada de objetivo, é ação e reação, esforço e resistência. (CP 1.24 e 8.330). Para Peirce, a consciência de um certo sentimento sendo rompido por um outro é o que se pode chamar de experiência. Um acontecimento que se força contra o pensamento, levando a uma mudança na consciência. Este estado de esforço bruto coloca-se como um outro que se impõe na relação com o primeiro. Binaridade que faz a ligação entre um primeiro e um segundo sem qualquer mediação. (CP 8.330). Um confronto que traz à luz a consciência de ego e não-ego. Uma idéia de individualidade, do isto e não aquilo.

Imagine-se uma fotografia (figura 2) em observação tal qual descrita anteriormente, em estado contemplativo. Em algum momento, este estado de consciência é rompido pela insistência de uma qualidade específica. Pode-se dizer, por exemplo, o tipo das embarcações presentes na fotografia. Não se está falando das reflexões a respeito dos barcos, mas

³Foto tirada na missão do projeto Cognitus / Petrobrás em 12-2004.

sim de sua insistência sobre mente que observa. O rompimento do estado inicial, mais especificamente a experiência do rompimento, é que se caracteriza por ser uma Secundidade.



Figura 2 - Cidade de Manacapuru - AM⁴

A Terceiridade é a categoria que se caracteriza pela mediação, um terceiro relacionando o ato causal e o seu efeito. Age com força de lei, mediando e possibilitando as relações entre dois elementos (CP 1.328), é um “Estar Entre” que encontra, na representação, sua plenitude. (CP 5.104). É uma forma de consciência mediata que, diferentemente da primeira categoria, não pode ser reduzido a um ponto no tempo. Do mesmo modo, não se reduz a uma ocorrência bruta, característica da segunda categoria: é a consciência de um processo, que não pode ser imediato, é cognição, um fenômeno que envolve um determinado tempo. (CP 1.381).

A cognição se vincula ao futuro como sua formadora. Através da generalização do fato bruto, ela proporciona a representação das circunstâncias em que poderão vir a ser. Procurará estabelecer as leis gerais que determinarão a conduta autocontrolada para sua efetivação. Somente a razão pode determinar as leis de conduta para sua efetivação

⁴Foto tirada na missão do projeto Cognitus / Petrobrás em 01-2005.

ou não. Uma representação que só é possível através da mediação, generalização imprescindível ao pensamento. Esse é o caso da análise de fotos de satélite para identificação de habitats de áreas de monitoramento ambiental (figura 3).

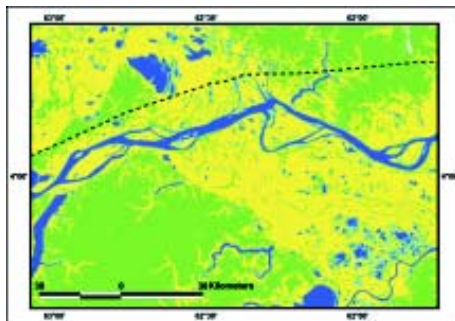


Figura 3 - Área inundada da região do rio Solimões, maio de 1996⁵

Parece, então, que as verdadeiras categorias da consciência são: primeiro, sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; em segundo lugar, consciência de interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo, de alguma outra coisa; em terceiro lugar, consciência sintética, ligação com o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento. (CP 1.377).

O fenômeno tem, no seu presente original, um laço com o experimento passado e as determinações futuras. Um jogo de relações que tem em seu fluxo a temporalidade que permite a expansão da razoabilidade do universo. Uma conexão, como a demonstrada no diagrama (figura 4) apresentado a seguir (baseado no encontrado em CP 6.140), mostra que por meio do diálogo entre o passado bruto e o futuro possível⁶, pode vir a surgir um presente, potencialmente livre.

⁵Fonte: Garcia, Miranda, Vieira, Silveira, Pires, Santaella, 2004.

⁶O grau de insistência sobre o presente torna-se maior quanto mais próximo se estiver dele.

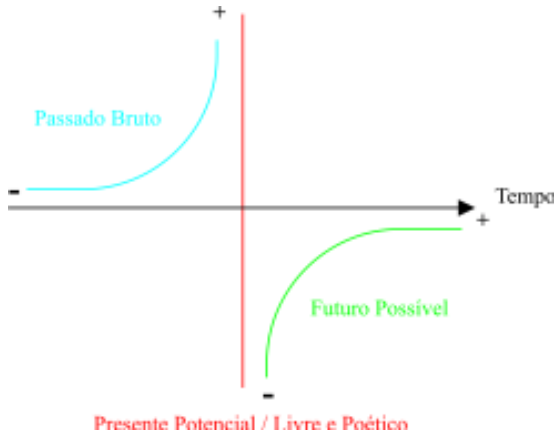


Figura 4 - Diagrama de relações entre primeiridade, secundidade e terceridade

Entretanto, até aqui, fala-se da aparência dos fenômenos e nada se aponta do modo pelo qual os signos agem sobre uma mente que aprende pela experiência. Esta é uma questão de natureza semiótica.

A teoria semiótica de Charles S. Peirce

A Semiótica não está limitada às áreas que direta ou indiretamente se dedicam ao estudo de processos sógnicos. Ela abarca qualquer espaço em que redes emergjam. A capacidade expansiva que essa ciência possui está vinculada à tendência de crescimento que o próprio mundo sógnico manifesta. (SANTAELLA, 1992). Ao se apresentar como uma Ciência Normativa, estabelecerá o modo de ser do signo, não somente dos símbolos, como a representação de um objeto que se apresenta admirável a uma mente e fruto de volição para a conduta. (SILVEIRA, 1983).

Portanto, a Semiótica e seus fundamentos na Ética e Estética proporcionam um instrumento para a compreensão do modo pelo qual se dá o conhecimento, a representação geral do mundo, para uma mente

que aprende com a experiência. Apresenta-se como um estudo do modo de proceder do pensamento em uma mente que está à busca de seu objeto de volição. Um objeto que antes de tudo se mostra possível de ser amado e desejado, não importando o quão difícil seja alcançá-lo.

Ao postular que o Signo representa algo, o autor pretende dar a noção de que ele se encontra numa relação tal com um objeto, que é reconhecido por uma mente como se fosse este objeto (CP 2.273, 1.339 e 1.480). A adoção da lógica dos relativos e seu modelo triádico de signo que incorpora, num único processo, o veículo de significação, o objeto do significado e o programa futuro de conduta que estabelecerá as condições para se alcançar esse objeto, permite observar uma esfera muito mais abrangente de processos sígnicos. (SILVEIRA, 1983).

Para que algo seja considerado um Signo deve manter uma relação triádica, sendo que um primeiro (seu signo ou *Representamen*) leva um terceiro (seu Interpretante) a manter uma relação com um segundo (seu Objeto). O Terceiro Correlato, por sua vez, pode assumir o papel de Primeiro na mesma relação com o Objeto e para algum outro Interpretante⁷ (Cf. CP 1.541, 8.332 e 6.347). Para que se torne possível uma melhor visualização das relações triádicas do signo, foi construído o seguinte diagrama:



Figura 5 - Modelo Triádico do Signo

⁷Um ponto importante pede por esclarecimento: o Interpretante não é necessariamente um ser psicológico, não podendo, por esse motivo, ser confundido com o intérprete. Ele surge por determinação do *Representamen*, que por sua vez é determinado pelo Objeto. Consiste de uma relação triádica que faz parte de um processo contínuo, em que todos os correlatos possuem uma natureza sígnica.

Perceba-se que a fotografia assume o papel lógico de *Representamen* quando coloca um Interpretante (o leitor de um jornal, um cientista, um espectador de uma vernissage) em contato com um objeto (paisagem, fato jornalístico, produto de campanha de marketing). Contudo, para uma abordagem semiótica da fotografia, parece oportuno aprofundar um pouco mais nas possibilidades de representação do signo.

O *Representamen* pode ser dividido conforme três tricotomias, a partir da relação que mantém consigo mesmo, com seu Objeto e com seu Interpretante. O *Representamen* em si mesmo pode ser uma qualidade (Quali-signo), um existente (Sin-signo) ou uma lei geral (Legi-signo). (CP 2.243-246). A relação com seu Objeto pode se dar por pura similaridade: um *Representamen* que, por meio de sua semelhança, se tornará um Ícone de algo. Também poderá ser um indicador ou Índice, referindo-se ao Objeto por ser afetado por ele, mantendo uma relação de fato, imediata. Ou ainda, pode ser um Símbolo, devido a hábitos adquiridos com força de lei, e relativo a idéias gerais que agem de forma a levar o interpretante a reconhecê-lo como sendo um objeto convencional. (CP 2.247-249). Por fim, a relação mantida com o Interpretante pode ser com base em uma possibilidade, uma hipótese ou Rema. Pode ser uma existência concreta, um fato, sendo um signo Dicente ou Dicisigno. A última relação

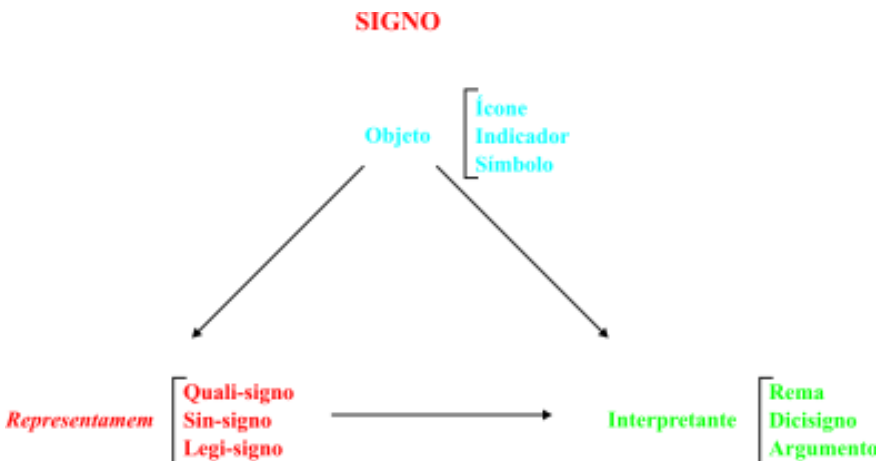


Figura 6 - Divisões do Signo

entre o *Representamen* e o Interpretante é o Argumento. Este se apresenta como uma lei, representa o Objeto em seu caráter de Signo. (CP 2.250-253). Sendo assim, o diagrama da página anterior representa esquematicamente as relações do *Representamen* consigo mesmo, com o Objeto e com o Interpretante.

Uma vez estabelecidas as divisões dos signos e anteriormente a uma análise mais profunda de imagens fotográficas, faz-se necessário apontar algumas diretrizes para essa ação. Qualquer análise deve iniciar pela observação da imagem. Pode parecer óbvio, mas é pela observação que se podem detectar quais características fenomenológicas são predominantes. Isso leva a um segundo ponto importante. O signo nunca é exclusivamente de um tipo. Na verdade, possui uma predominância de um aspecto, não havendo um critério apriorístico que determine como uma dada semiose funciona.

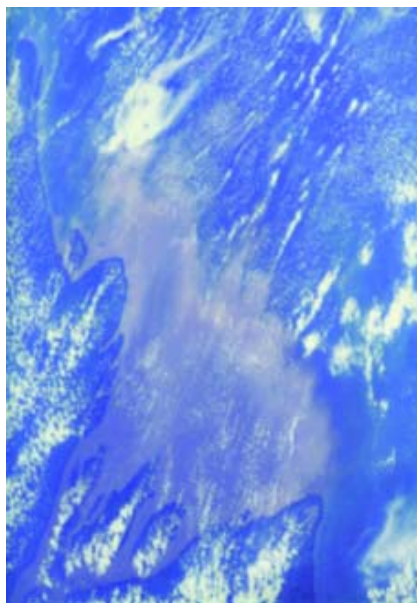


Figura 7 - Fotografia tirada pela Space Shuttle - NASA da foz do rio Amazonas⁸

⁸Fonte: Martini (2004).

Quando se analisa semioticamente, está-se na posição de Interpretante e por esse motivo, em condição falível. Deve haver o cuidado de observar a lógica interna das relações do signo e acompanhar o percurso dos interpretantes. Os inevitáveis recortes arbitrários devem ser estabelecidos no diálogo com o objeto. A partir deste ponto, segue-se a análise de algumas fotografias.

Ao analisar-se a imagem da figura 7 dentro do diagrama das relações do signo, pode-se perceber que é um signo que, em sua relação com o objeto, é indexical. Há aqui uma relação causal entre signo e objeto, originada pelas leis da ótica. Signo e objeto mantêm uma relação orgânica, sem que haja a necessidade de uma interpretação. Ele é percebido como algo que existe. É sin-signo, pois é singular como imagem material e é dicisigno como afirmação de uma realidade. (SANTAELLA; NÖTH, 2001).

De acordo com Santaella e Nöth (2001), há duas rotas pelas quais as fotografias podem se afastar de sua secundidade característica. Por um lado, pode caminhar para a primeiridade do trabalho artístico, que não significa nada, representando padrões abstratos. Embora permaneça sin-signo e mantenha uma relação indexical com o objeto, ele não funciona como signo dicente. Ele é um signo remático, referindo-se à primeiridade em sua relação com os interpretantes. Na imagem a seguir (figura 8) pode-se observar um exemplo desse tipo de desvio.

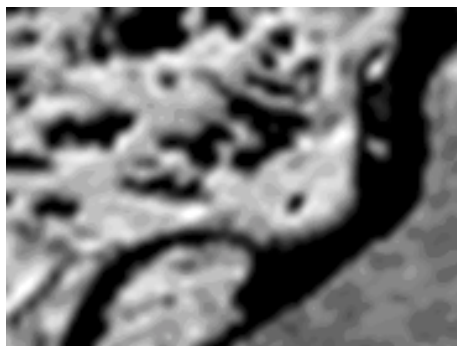


Figura 8 - Fotografia de satélite do rio Solimões, manipulada em photoshop⁹

⁹Imagem cedida pelo projeto Cognitus / Petrobrás.

Por outro lado, há o desvio rumo à terceridade. Esse tipo de fotografia é comum na propaganda e na pesquisa científica. Por meio delas buscam-se generalizar os fatos individuais, transformando-os num legi-signo. Uma foto científica da interação de proteínas, como a apresentada abaixo (figura 9), visa criar interpretantes a respeito do comportamento dessa classe geral de fenômeno.

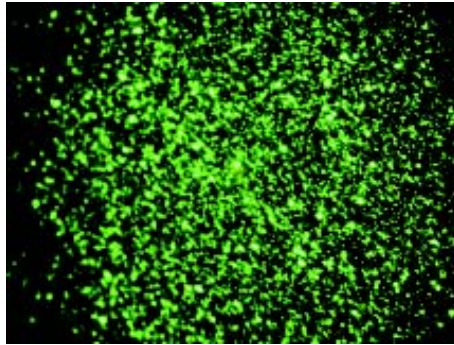


Figura 9 - Imagem da célula de reação de zíperes de leucina¹⁰

Do mesmo modo, é possível estabelecer critérios de manipulação das imagens fotográficas para evidenciar uma dada característica de interesse da foto. Ou ainda, criar superposições de imagens que facilitem ao cientista obter informação a respeito de um dado objeto. Na figura 10, pode-se observar como esse procedimento permite a criação de interpretantes mais gerais.

Na imagem (figura 10), usou-se uma sobreposição de imagens JERS-1 SAR, relativas à seca de outubro de 1995 e à cheia de maio de 1996. Esse tipo de sobreposição permite ao pesquisador observar e classificar diferentes habitats em função de suas características hidrológicas. Ou seja, esse tipo de estratégia possibilita que a partir de uma imagem fotográfica, sejam construídos interpretantes mais complexos que explicitam, de forma muito apurada, as nuances ambientais da região. Sendo

¹⁰Imagem cedida pelo projeto Cognitus / Petrobrás.

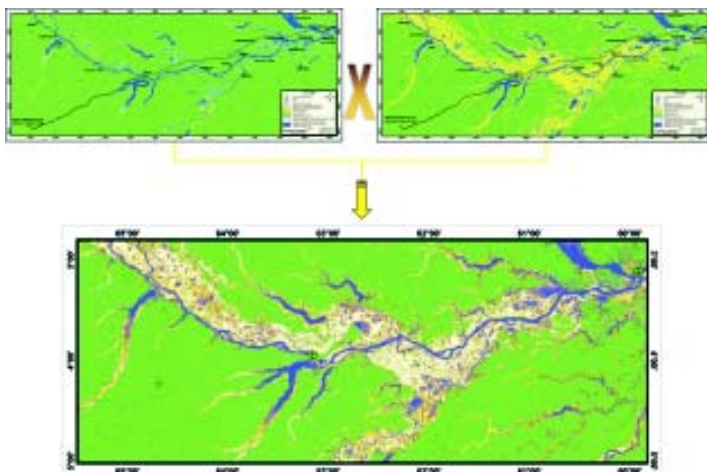


Figura 10 - Mosaico da região Urucu – Manaus¹¹ – JERS-1 SAR.
 Fonte: Carvalho e Miranda (2004)

assim, a imagem é uma indicadora de características reais do sistema ambiental. Atua, no entanto, como um legi-signo, mantendo uma relação simbólica com o objeto e gerando interpretantes argumentativos.

Considerações finais

As reflexões deste artigo são fruto de um estudo que, embora parcial, buscou abarcar de forma geral as contribuições que a Semiótica de Charles S. Peirce pode trazer para área da semiótica da fotografia. Por meio desse estudo, pode-se obter uma visão ampla do tipo de resposta que essa abordagem pode apresentar frente aos estudos, tanto da mais pura tradição artística e científica, quanto do mais banal fenômeno que se tenha diante dos olhos.

É flagrante que uma abordagem unilateral sobre seu pensamento será alvo fácil para o engano e para as confusões. O entendimento de sua

¹¹Imagem cedida pelo projeto Cognitus / Petrobrás.

Semiótica só se dará quando se puder compreender o seu papel dentro da arquitetura das Ciências, estabelecendo suas interfaces e graus de influência. Assim como se deve buscar o mesmo entendimento dentro da própria Filosofia e seus sub-ramos.

Ao estabelecer a Fenomenologia como a primeira das ciências filosóficas, Peirce forneceu toda a base para o entendimento do fenômeno fotográfico em sua aparência. Trata-se de uma ciência cujo entendimento é fundamental para o desenvolvimento de uma semiótica da fotografia.

É necessário, ainda, apontar que a Semiótica peirceana se mostrou um instrumento epistemológico potente no aprofundamento de estudos sobre as relações sýgnicas da imagem fotográfica. Percebe-se que a fotografia não se limita ao universo da secundidade, mas perpassa tanto a primeiridade e como a terceridade. Sua característica indexical pode sofrer desvios importantes, rumando ao mais tácito ou ao mais racional. O estudo dos interpretantes é promissor, pois emerge como área de estudo e descoberta.

Referências

CARVALHO, Nelson Cabral de e MIRANDA, Fernando Pellon de. Operações de Recolha no Mar e Rios: plano Amazônia / projeto Piatam. **Comunicação oral**. I Seminário Nacional de Contingências da TRANSPETRO, Manaus, 2004.

GARCIA, J. W., PIRES, Jorge de Barros, VIEIRA, Jorge de Albuquerque, SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da, MIRANDA, Fernando Pellon de, SANTAELLA, Lúcia e CARNELÓS FILHO, M. Cognitus Project. **Anais**. V International Conference of Complex Systems – ICCS2004, Boston: NECSI, 16-21, may, 2004.

MARTINI, P. R. A história geológica do rio Amazonas: uma contribuição. In: **Relatório de progresso II do projeto Cognitus**. Rio de Janeiro: CENPES, 2004

PEIRCE, Charles Sanders **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Hartshorne, C., Weiss, P. & Burks, A. (eds.). Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931-35 e 1958.

SANTAELLA, Lúcia. **A Assinatura das Coisas: Peirce e a literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____ e NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica e mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. Semiótica peirceana e produção poética. **Trans/Form/Ação** (São Paulo), v. 6, p. 13-23, 1983.